
História e Comunicação na perspectiva da pesquisa histórica¹

Jose Milton Rocha²

Universidade Federal do Mato Grosso do Sul - UFMS

Resumo

O presente artigo aborda alguns aspectos relacionados a duas ciências sociais recorrentes no cotidiano das sociedades, na perspectiva da pesquisa histórica: História e Comunicação. Suas aproximações, distanciamentos, temporalidades. Trata-se de um extrato da tese “**Imprensa, Internet e História: A produção da notícia em impressos e cibermeios de Dourados**” apresentada ao PPGH-UFGD, em 2020, que em função da Pandemia da Covid-19 se manteve até então, inédita. O caminho metodológico percorrido pelo artigo tem como base alguns conceitos utilizados por historiadores, pesquisadores da comunicação, bem como as relações estabelecidas por eles, e através destes conceitos será tecido o tempo presente percorrido pelo jornalismo seja impresso ou digital, no decurso da história cultural e social para entendermos seus entrelaçamentos na construção da realidade social.

Palavras-Chaves: imprensa; história; internet; tempo presente; comunicação

1. História e Comunicação: distanciamentos e aproximações

A história tem apresentando proximidades e imbricações com a comunicação, todavia, nas últimas décadas, em função do advento da internet e a incorporação das NTICs no cotidiano das pessoas, essa tendência tem se acentuado. Por vezes, os dois campos se convergem; por outras, distanciam-se, mas há ocasiões e circunstâncias em que complementam-se na produção do conhecimento e na construção da realidade social, seja por meio das representações simbólicas ou de representações sociais.

O pesquisador Maximiliano Vicente (2009, p. 16) percebe uma relação de conflito e afinidade ao definir a conexão entre história e comunicação. Para o historiador, a similaridade decorre da proximidade e da convergência das duas ciências, pois no seu entendimento, história e comunicação “coincidem na sua finalidade, ou seja, na compreensão e na decodificação da formação da sensibilidade”. Para perceber, porém, “os estudos da comunicação sob essa perspectiva histórica, a questão central residirá na forma de abordar os efeitos e mudanças na sociedade ocasionadas pelos

¹ Trabalho apresentado no GP Teorias do Jornalismo, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutor em História, membro do Grupo de Pesquisa Cotidiano e Noticiabilidade do PPGCOM da UFMS milton0444@gmail.com

meios” (VICENTE, 2009, p. 35).

No entendimento do pesquisador, três matrizes metodológicas predominariam nas relações entre a comunicação e a sociedade: o marxismo, o funcionalismo e o movimento dos *Annales*³. Este último por incorporar dois aspectos para melhor compreensão da afinidade entre a comunicação e a história: “O primeiro diz respeito à interdisciplinaridade e o segundo se relaciona com o papel de destaque adquirido pelas movimentações de massas, protagonistas das transformações sociais” (VICENTE, 2009, p. 25). Segundo o autor, destacam-se nesse processo de aproximação, as pesquisas a respeito das estruturas econômicas, demográficas, sociais e de mentalidade, que ganharam maior importância na construção da história da comunicação social.

Nossa preocupação central no desenvolvimento desse estudo coincide com o ponto destacado por Vicente (2009), ao se reportar aos parâmetros que devem ser estabelecidos na abordagem dos efeitos e mudanças na sociedade ocasionadas pelos meios. No nosso caso, se faz necessário elucidar que as mudanças e seus efeitos não são apenas os promovidos pelos meios, mas principalmente pelas tecnologias usadas por estes meios, ou na mediação deles. E isso fica mais patente a partir da inserção da internet e as novas tecnologias nos dois campos, notadamente o jornalismo, que a nós parece ter sofrido mais os impactos na maneira de produção da notícia, na construção do conteúdo jornalístico e na veiculação e circulação desse conteúdo.

Silverstone (2005) recomenda estudo cuidadoso da mídia para aqueles que se aventuram a tentar entendê-la. A recomendação do autor está associada à sua preocupação com a centralidade da mídia e a cultura nas sociedades do novo milênio, uma vez que ele enxerga a presença da mídia em vários aspectos do cotidiano das pessoas. É como se os indivíduos não pudessem escapar da sua ação, uma vez que ela

³ A Escola dos *Annales* foi um movimento que reuniu um grupo de historiadores em torno da publicação da Revista *Annales d'histoire économique et sociale*, em 1929, cujo projeto visava combater a história que prevalecia naquele momento, ou seja a história geral, oficial. Burke (1992) divide os *Annales* em três fases, ou, gerações. A primeira fase, de 1920 a 1945, caracterizou-se por ser pequeno, radical e subversivo, conduzindo uma guerra de guerrilhas contra a história tradicional, a história política e a história dos eventos. Teve como líderes Marc Bloch e Lucien Febvre. Depois da Segunda Guerra Mundial, os “rebeldes” apoderaram-se do *establishment* histórico. A segunda fase é a que mais se aproxima verdadeiramente de uma “escola”, com conceitos diferentes e novos métodos, foi dominada pela presença de Fernand Braudel. A terceira fase se inicia por volta de 1968. Marcada pela fragmentação, tem como líderes Le Goff e o próprio Burke, entre outros. O movimento dos *Annales* além de ter possibilitado o surgimento da nova história, novos problemas, novas abordagens, em que pese as contradições e críticas enfrentadas, ampliou os horizontes da historiografia, possibilitando inclusive, estudos como este. (BURKE, 1992).

gera certa dependência para a diversão, obtenção de informação e na produção de sentido às experiências humanas, pois a mídia é parte da textura geral dessas experiências.

Para Thompson (2004, p. 19), “os meios de comunicação têm uma dimensão simbólica irreduzível: eles se relacionam com a produção, o armazenamento e a circulação de materiais que são significativos para os indivíduos que os produzem e os recebem”, embora, muitas vezes, sua dimensão simbólica seja negligenciada em função da valorização dos aspectos técnicos dos meios de comunicação pelos estudiosos do assunto. O autor acentua sua crítica a esta visão parcial sobre os meios de comunicação pelos estudiosos do assunto por entender que o desenvolvimento desses meios representa, fundamentalmente, “uma reelaboração do caráter simbólico da vida social, uma reorganização dos meios pelos quais a informação e o conteúdo simbólico são produzidos e intercambiados no mundo social” (THOMPSON, 2004, p. 19).

De acordo com Marialva Barbosa (2019), a construção da história dos meios de comunicação passa necessariamente pela definição dos cenários, lugares, contextos e temporalidades onde ocorrem os processos comunicativos, além dos mecanismos utilizados nesses processos. Matheus (2011, p. 12) enxerga o que se pode chamar de proximidade do jornalismo com a história, a partir de características temporais e processos narrativos, que promovem certa conformidade, uma vez que “as narrativas jornalísticas favorecem a percepção histórica como progresso linear, determinista, para o qual o jornal seria o farol, o guia pelo caminho previamente traçado”. No entendimento de Barbosa (2004, pp. 7-8), a construção de uma história da imprensa, deve levar em conta, inicialmente, a escrita da história (CERTEAU, 2015) e, depois, as peculiaridades da lida com textos e textualidade. Nesse sentido, a pesquisadora aponta a proposta de Darnton (1990) como modelo adequado para a construção de uma história social e cultural da comunicação, pois “é preciso desvendar, quando se fala em história da imprensa, quem escrevia em jornais, como procuravam se popularizar – ou seja, que estratégias, apelos e valores esses veículos invocam no seu discurso – como funcionavam essas empresas e de que forma os textos chegavam ao público”. Para ela, “uma nova tecnologia pressupõe sempre uma recepção na sociedade, uma espera, muitas vezes anterior mesmo à emergência da própria tecnologia”, ao nosso entender, como ocorreu com a chegada da internet.

De acordo com Barbosa e Ribeiro (2011, p. 10), a relação imprensa-história

envolve duas questões fundamentais. Uma delas trata da comunicação como ação e processos vividos e proporcionados por atividades comunicacionais humanas, “nesse sentido afirmamos que a história é, em última instância, também uma relação comunicacional”; enquanto a outra se refere ao processo narrativo das duas ciências resultante “numa espécie de dupla relação, tanto a comunicação quanto a história percorrem sempre os caminhos narrativos”. Outras vertentes convergentes entre a história e a comunicação citadas pelas pesquisadoras são o tempo e o lugar onde ocorrem os processos.

Nas proximidades e imbricações percebidas entre a comunicação e a história, as categorias tempo, espaço, lugar e processos históricos aparecem como pontos de ligação das teias que constroem a realidade, ou a tessitura de cada temporalidade configurada em cada nova tecnologia surgida no caminho da construção de suas historicidades.

O historiador francês Roger Chartier, em seu livro *A história ou a leitura do tempo*, de 2009, trabalha a relação da história com a revolução digital e pondera sobre vários aspectos do processo recente, apontando para os efeitos desse novo processo no interior do campo historiográfico, os impactos da transformação no trabalho do pesquisador, no trabalho de produção do saber histórico, nas questões teóricas e metodológicas da digitalização na cultura, entre tantos outros pontos.

2. História, Jornalismo e acontecimento: relações possíveis entre os impressos e cibermeios

Para Jacques Le Goff (2003, p. 12), “a matéria fundamental da história é o tempo” e a cronologia tem desempenhado papel de destaque “como fio condutor e ciência auxiliar da história”. Assim, na construção da representação social do papel da mídia, não se pode deixar de olhar para trás e perceber o caminho percorrido por ela, até aqui, e, como se deu essa trajetória. Por isso, ao se referir ao encontro do passado com o presente, o historiador francês observa que a construção da memória a partir “da experiência individual e coletiva tende a introduzir, junto destes quadros mensuráveis do tempo histórico a noção de duração, de tempo vivido, de tempos múltiplos e relativos, de tempos subjetivos ou simbólicos”, uma vez que o “tempo histórico encontra, num nível muito sofisticado, o velho tempo da memória, que atravessa a história e alimenta” (LE GOFF, 2003, p. 13).

2.1 - Tempo elo condutor das duas ciências e guia humano

O tempo é, seguramente, um dos fios do tear que ajudam a construir a tessitura desse estudo. Em vários momentos da pesquisa recorreremos ao tempo, quer pelas temporalidades da narrativa histórica, um viés do próprio processo histórico; quer pelas condições da produção da notícia, onde a relação tempo-espço se faz presente, regendo e mediando a rotina de produção das notícias nos veículos de comunicação.

Para Norbert Elias (1998, p. 8), o tempo é uma espécie de guia humano, mesmo interpretado como resultado de uma construção social. Estaria mais próximo de um símbolo social, uma vez que o tempo “servia aos homens, essencialmente, como meio de orientação no universo social e como modo de regulação de sua coexistência”. Nas operações históricas, o tempo costuma aparecer como balizador das experiências e fenômenos temporais das narrativas dos acontecimentos que constroem a história.

Barbosa (2017) propõe uma reflexão sobre a temporalidade que rege os meios de comunicação e compreenderia a relação entre o tempo histórico e o tempo midiático, conjugado pela programação destes meios (jornais, televisão, rádio, cibermeios). De acordo Barbosa (2017, p. 19), “na confluência dos meios digitais o tempo perde sua espessura para se transformar em tempo fluxo. Constrói-se um presente estendido, no qual eventos se atualizam sem cessar e numa velocidade que ultrapassa os limites passíveis da medição”. Uma das rupturas produzidas pelos cibermeios é a relação tempo-espço-lugar.

Os meios de comunicação de massa tradicionais, como lembra Rosseti (2017), apresentam uma temporalidade cronológica, mas nas mídias digitais, os fluxos temporais foram alterados. Para a filósofa, “essa visão espacial da realidade, escapa o tempo real que flui incessantemente em seu contínuo movimento”, isso, porque o tempo é pensado “nos moldes do espaço e, assim, concebe um tempo ilusório: o tempo cronológico, originado da confusão que inadvertidamente se faz entre tempo e espaço”. Ela reforça que a sociedade construída a partir das novas tecnologias e pautada pela pressa busca os resultados imediatos em suas ações e, por consequência, na perseguição da rapidez e da aceleração cada vez mais sentida nos processos comunicacionais, “a sociedade midiaticizada busca comprimir o tempo até o limite e acaba por recusar a condição temporal da existência” (ROSSETI, 2017, p.95), ou seja, a negação do tempo

remete o homem à sua finitude.

A partir do conceito de Koselleck (2006) sobre temporalidade e sua relação com a historicidade, Matheus (2011, p. 54) observa que a experiência temporal pode se manifestar na linguagem, “o que dá oportunidade ao historiador de investigar a experiência a partir dela ou imaginar circuitos comunicacionais nos quais se geraram sentidos para o jornalismo em diferentes momentos”, uma vez que os meios de comunicação de todas as plataformas e suportes (rádio, televisão, impresso – jornais e revistas – e online) costumam ser regidos por tempos e temporalidades próprias do jornalismo.

A organização da história, contudo, não pode prescindir das técnicas de produção da sociedade (CERTEAU, 2015), cujos instrumentos constroem o sentido de espaço, tempo e lugar que dão autenticidade à operação histórica. Ao referirmo-nos ao tempo como categoria dos procedimentos metodológicos utilizados na construção desta pesquisa, recorreremos aos bytes emergentes da história digital, a contemporaneidade da história do tempo presente, da história imediata, além dos conceitos e técnicas do próprio jornalismo, ciberjornalismo e suas nuances, na construção do discurso jornalístico; aproximações entre história e comunicação possibilitadas, principalmente, pela interdisciplinaridade advinda dos *Annales*.

Por outro lado, Walter Benjamin (1994) destaca que a história se constitui num objeto de construção de um lugar, onde o tempo não é necessariamente homogêneo, nem vazio, mas um tempo saturado de “agoras”. Partimos da premissa de que a metodologia da história abrange o conhecimento e o aprofundamento de certos aspectos de determinada realidade, por exemplo, os padrões culturais, as estruturas sociais, os processos históricos e os laços do cotidiano de uma sociedade. Por isso recorreremos não apenas aos métodos tradicionais da história, mas utilizamos também outras ciências sociais, principalmente as aplicadas, uma vez que nesse contexto, Luca (2010, p. 112) ressalta que os aportes analíticos provenientes de “outras ciências humanas, como a sociologia, a psicanálise, a antropologia, a linguística e a semiótica, ao mesmo tempo em que incentivam a interdisciplinaridade, trazem importantes contribuições metodológicas”.

Além de a história manter proximidade e convergência com a comunicação pelas razões já expostas, não haveria exagero em dizer que elas estão agora, mais juntas, em função das tecnologias - nos referimos as NTICs - e consequente convergência

tecnológica e cultural (JENKINS, 2013) que fez as duas áreas de conhecimento desembocar na web.

2.2 - Acontecimento e as interfaces das áreas do conhecimento

Mas, afinal, qual seria o conceito sobre acontecimento, principalmente, na relação de conexão da história com a comunicação? A quem interessa e por quê? E quando ele ocorre? Para Didier Alexandre (2004, p. 179 *apud* DOSSE, 2013, p. 8), “O acontecimento pode ser um fenômeno natural, catastrófico ou ínfimo, ou um fenômeno socio-histórico, que afeta a coletividade”. E, enquanto o sujeito não tiver a compreensão do que aconteceu, será apenas um fenômeno.

Para Alsina (2009, p. 115). na determinação dos acontecimentos, há um processo de intertextualidade, pois ele seria “resultado da brutal coexistência de um fato com outros fatos, antes isolados uns dentro dos outros através da informação” (LEMPEN, 1980, p. 50 *apud* ALSINA, 2009, p.115). Neste momento é pertinente apresentar outras proximidades e imbricações entre história e comunicação para retomar o acontecimento, ou novos diálogos a respeito do conceito em outras dimensões e/ou reconfigurações.

Tem crescido o número de estudos científicos que trabalham as aproximações da história com a comunicação, o que caracteriza uma tendência do viés de pesquisas que envolvem as aproximações e diferenças das duas áreas do conhecimento, na produção do saber. O historiador espanhol radicado no Brasil, Maximiliano Vicente, mostra esse movimento ao analisar dois veículos de comunicação: a revista *Veja*, no Brasil e o jornal *Le Monde Diplomatique*, na França. Ele aborda a visão dada pelos veículos ao episódio de 11 de setembro de 2001: o ataque terrorista às torres gêmeas de Nova Iorque, nos Estados Unidos.

A nossa compreensão sobre distanciamentos e proximidades entre história e comunicação, ou mesmo com o jornalismo, remete principalmente ao *modus operandi* de cada campo de conhecimento, além das especificidades que cada área lança sobre o que parece ser a sua matéria prima. A matéria prima do jornalismo, por exemplo, é o acontecimento, o fato ou evento. Enfim, a informação bruta, propriamente dita, cuja narrativa é conhecida a partir da construção da notícia sobre o ocorrido.

Embora a comunicação tenha na informação, ou no acontecimento, a sua matéria prima para dar origem à notícia, a história tem no tempo a sua matéria prima, conforme

nos aponta Le Goff (2003). Talvez esteja aí, a primeira diferença observada pelos dois campos de conhecimento. Enquanto a comunicação, pela premência do tempo na publicação de um acontecimento, tem a agilidade como fator determinante na circulação da notícia, apesar de bem menor pela presença da internet, a história faz um movimento contrário de distensão do tempo para entender o acontecimento. É como se a imprensa fizesse um *zoom* para ver bem de perto o ocorrido e a história abrisse a lente para enxergar mais detalhes ao redor, ou a intertextualidade, a coexistência de outros eventos interconectados ao evento maior.

Esse aspecto é interessante, porque a imprensa registra o acontecimento, no momento em que ele ocorre, ou seja, processa a informação na duração do acontecido, sob a pressão da pressa de publicar, correndo o risco e as incertezas da precisão, porque tem que informar sob o calor dos fatos, sobretudo após o advento da internet. Já a história não teria a mesma pressa no processo de análise dos fatos. Ela trabalha em outra dimensão temporal a informação, além de operar de outra forma o conceito acontecimento. Vicente (2009) nos ajuda entender a questão ao estabelecer a diferença entre o acontecimento histórico e o acontecimento comunicacional.

Algumas Considerações:

Ao traçarmos o caminho metológico a partir de um rigoroso aporte teórico-conceitual oferecemos mecanismos para construção do entendimento sobre vários aspectos ligacionais como aproximações e distanciamentos, mas também as várias temporalidades e imbricações que permeiam a relação destas duas áreas do conhecimento humano. Foi a partir destes apontamentos teóricos que estudamos vários marcos temporais da imprensa de Dourados, segunda cidade em população do MS.

Mais do que oferecer respostas a tantas questões suscitadas na triangulação dos campos da imprensa, internet e história, em suas limitações, este estudo oferece possibilidades para outras pesquisas que queiram se estender sobre a temática ou aprofundar assuntos aqui iniciados. Nesse contexto, a transdisciplinaridade aparece como grande aliada por permear com desenvoltura as práticas sociais e os contextos de convergência na construção do conhecimento histórico e jornalístico. Assim como na história, na imprensa a mediação da tecnologia deverá ser feita pelo homem, cuja centralidade está sujeita ao seu protagonismo.

Referências Bibliográficas:

ALSINA, Miquel Rodrigo. **A Construção da Notícia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

BARBOSA, M. **Como escrever uma história da imprensa?** Artigo apresentado no GT História do Jornalismo, no II ALCAR, em Florianópolis, SC, entre 15 e 17 de abril de 2004.

_____. **Tempos midiáticos: passado, presente e futuro em modos narrativos**. Revista Brasileira de História da Mídia, São Paulo, v. 8, n. 2, p. 25-37, jul./dez. 2019.

_____. **História cultural da imprensa: Brasil 1900-2000**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

_____. **Tempo, tempo histórico e tempo midiático: interrelações**. In: MUSSE, Christina Ferraz; VARGAS, Herom; NICOLAU, Marcos (Orgs.) **COMUNICAÇÃO, MÍDIAS E TEMPORALIDADES**. Salvador: Edufba, 2017.

BARBOSA, Marialva C.; RIBEIRO, Ana Paula Goulart. **Comunicação e história: um entrelugar**. In: BARBOSA, Marialva e RIBEIRO, Ana Paula Goulart (Orgs.) **Comunicação e História, partilhas teóricas**. Florianópolis: Insular, 2011.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BOSCHI, Caio César. **O historiador, os arquivos e as novas tecnologias : notas para debate** / Caio Boschi In: RIBEIRO, Maria Manuela Tavares. **Outros combates pela História**. Imprensa da Universidade de Coimbra, Coimbra: 2010.

BRESCIANO, Juan Andrés. **La historiografía en el amanecer de la cultura digital**. Uruguay: Ediciones Cruz del Sur. 2010.

_____. **El tiempo presente como campo historiográfico: ensayos teóricos y estudios de casos**. Montevideu, Uruguai: Ediciones Cruz del Sur. 2010.

BURKE, Peter. **A revolução francesa da historiografia: a Escola dos Annales (1929-1989)**. São Paulo: Ed. UNESP, 1992.

CASSAB, Latif; RUSCHEINSKY, Aloísio. **Indivíduo e ambiente: a metodologia de pesquisa da história oral**. Biblos, Rio Grande, 16: 7-24, 2004.

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. 3ª edição brasileira/3ª reimpressão. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 2015.

CHARTIER, Roger. **A História ou a leitura do tempo**. Tradução: Cristina Antunes. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

DARNTON, Robert. **O beijo de Lamourette: Mídia, cultura e revelação**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

DEL BIANCO, Nélia R. **Elementos para pensar as tecnologias da informação na era da globalização**. Repositório de Teses e dissertações da Unb, Brasília, 2004.

DEMARTINI, Zélia de B. F. **Trabalhando com relatos orais**: reflexões a partir de uma trajetória de pesquisa – reflexões sobre a pesquisa sociológica. Coleção textos, São Paulo, CERU, n. 3, 1992.

ELIAS, Norbert. **Sobre o tempo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. Tradução Suzana Alexandria; 4ª reimpressão. São Paulo: Aleph, 2013.

KOSELLECK, R. **Futuro passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto/Editora PUC-Rio, 2006.

KOVACH, B.; ROSENTIEL, T. **Os elementos do Jornalismo**: o que os profissionais de jornalismo devem saber e o público deve exigir. São Paulo: Geração Editorial, 2004.

KUNCZIK, Michael. **Conceitos de jornalismo**: norte e sul. São Paulo: Edusp, 2001.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**, 5ª edição. Campinas, São Paulo: Editora da Unesp, 2003.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

LUCA, Tania Regina de. **História dos, nos e por meio dos periódicos**. In: Carlas Bassanezi (Org.) **Fontes Históricas**. São Paulo: Editora Contexto, 2010.

MATHEUS, Letícia Cantarela. **Comunicação, tempo, história**: tecendo o cotidiano em fios jornalísticos. Rio de Janeiro: Mauad X:Faperj, 2011.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Globalização comunicacional e transformação cultural**. In: MORAES, Dênis (Org.) **Por uma outra comunicação: mídia, mundialização cultural e poder**, 6ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2012.

MENDONÇA, Ricardo F. **A mídia e a transformação da realidade**. Revista Comunicação & Política, v. 24, nº2, p.007-037, 2005.

ROSSETTI, Regina. **A supressão do tempo midiático**. In: C. F. Musse, H. Vargas & M.Nicolau (Orgs.), **Comunicação, mídias e temporalidades**. Salvador: Editora EDUFA. 2017.

SILVERSTONE, Roger. **Por que estudar a mídia?** São Paulo, Loyola, 2005.

THOMPSON, John B. **A Mídia e a modernidade**: Uma teoria social da mídia. Petrópolis/RJ: Vozes, 2004.

VICENTE, Maximiliano Martin. **História e Comunicação na nova ordem internacional**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.

WOLTON, Dominique. **Sobre la comunicación**. Madrid: Acento Editorial, 1999.

_____. **Internet, e depois?** Uma teoria crítica das novas mídias. 2ª edição. Porto Alegre, RS: Sulina, 2007.